

**YAKURINXIRÊ: ESCOLA DE FORMAÇÃO
PERCUSSIVA DE/PARA MULHERES**

Martha Rosa F. Queiroz
Camila Sena da Luz
Gracielle Oliveira de Jesus
(orgs)

XIRÊ DAS MULHERES. O QUE VOCÊ TOCA?



**UFRB
SÃO FÉLIX/CACHOEIRA
2022**

X6 Xirê das mulheres. O que você toca? [Recurso eletrônico] / Organizado por Martha Rosa F. Queiroz, Camila Sena da Luz e Gracielle Oliveira de Jesus. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2022.

1livro digital: il.; color; PDF.; 80,1MB

Este trabalho foi fruto do Projeto: Xirê de Mulheres. O que você toca? Contemplado pelo Edital da PROEXT nº 08/2021 de Arte e Cultura. Apoio à Adaptação dos Programas e Projetos de Extensão de Arte e Cultura da UFRB.

Ambiente Virtual.

ISBN: 978-65-87743-65-3

1. Percussão – Música. 2. Mulheres – Recôncavo (BA). 3. Recôncavo (BA). I. Queiroz, Martha Rosa F., II. Luz, Camila Sena da. III. Jesus, Gracielle Oliveira. IV. Pró-Reitoria de Extensão – PROEXT. V. Título.

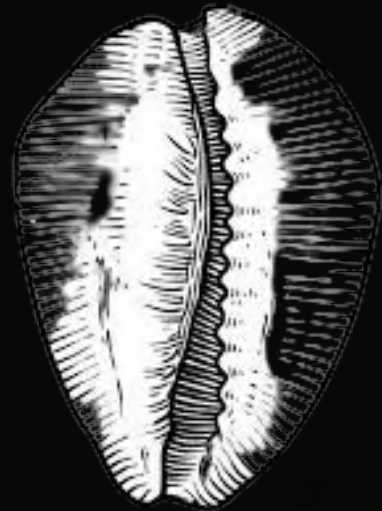
CDD: 786.8098142



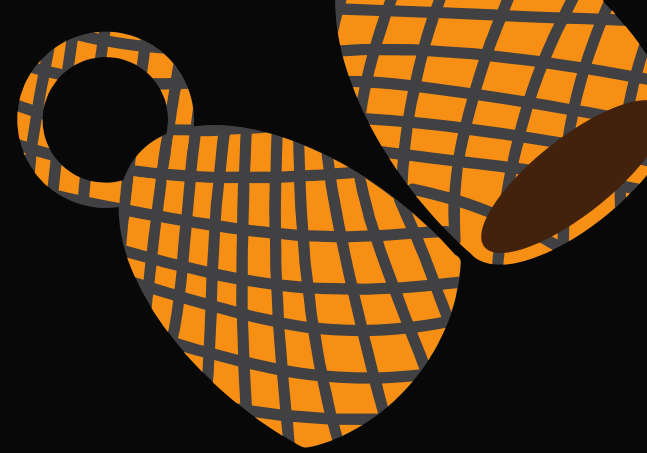
MULHERES DO RECÔNCAVO BAIANO

Viva a
percussão!

ATÉGÙN



O que é o projeto?



O Projeto Xirê das Mulheres. O que você toca? é uma ação da Yakurinxirê. Escola de Formação Percussiva de/para Mulheres, um programa de extensão do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), registrado na Pró-Reitoria de Extensão (Proext) desde 2019, e um uma iniciativa político-cultural de mulheres negras comprometidas com ações de combate ao racismo, ao machismo, à intolerância religiosa, à lesbofobia e todas as formas de opressão. Assim, o Xirê das Mulheres cumpri o objetivo da Escola Yakurinxirê relativo aos compromissos de realizar mapeamento de mulheres percussionistas no recôncavo baiano e suas atuações em grupos musicais, manifestações culturais, casas religiosas e como profissionais da música e intercâmbio por meio de trocas entre percussionistas de diferentes cidades da Bahia e dos demais estados brasileiros.

A região do Recôncavo da Bahia é rica em manifestações culturais, sendo as mulheres importantes agentes culturais. Nos grupos de samba de roda, nas casas afro-religiosas, no Samba do Machucador, nos grupos de capoeiras e nas demais manifestações culturais há a presença de mulheres no coro percussivo. No entanto, ainda é grande a invisibilidade da atuação dessas mulheres e pouco o estímulo para a ampliação da participação. Portanto, nosso encontro com essas mulheres visa conhecer o mundo percussivo de cada uma e entender a realidade em que estão inseridas e como isso influencia em seu contato com os instrumentos. Enfim, com *Projeto Xirê das Mulheres. O que você toca?* foi possível aprender com elas o valor, o gosto e a riqueza do universo percussivo e oportunizar ao mundo conhecer suas histórias musicais e seus planos de melhoria social por meio da percussão.



ÍNDICE



07

TRAJETÓRIA

10

NARRATIVAS

69

GALERIA DE
FOTOS

84

QUEM SOMOS

89

GRÁFICOS

99

FICHA TÉCNICA

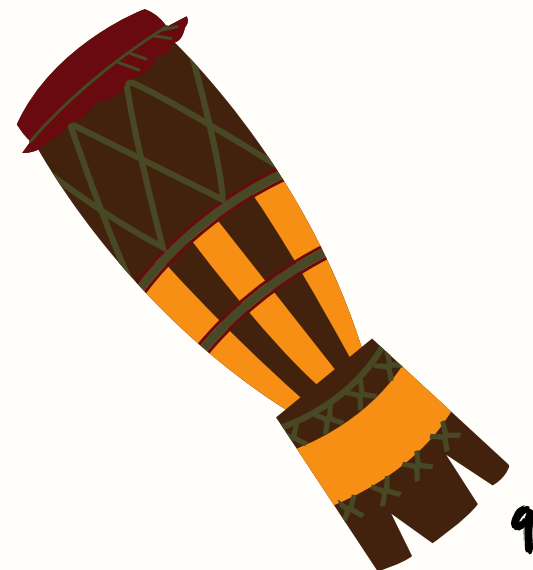
Trajetória



O projeto cultural intitulado: Xirê das mulheres: O que você toca? teve como objetivo reunir o maior número de percussionistas do recôncavo baiano e colocar essas mulheres em contato. Então, primeiro fizemos o mapeamento delas, em seguida realizamos as entrevistas, posteriormente executamos um giro fotográfico, que juntamente com as entrevistas compõem o presente catálogo. Nessa caminhada, conversamos com vinte e oito percussionistas de treze cidades do Recôncavo da Bahia. Infelizmente, precisaremos de uma segunda versão para contemplar todas as cidades da região, inclusive outras mulheres das cidades contactadas. É imensa a riqueza do levantamento em termos de possíveis marcadores. Optamos por sistematizar, em forma de gráfico, os dados referentes à raça, gênero, orientação sexual, faixa etária, religião e grupos aos quais são vinculadas.

Outro desafio foi conseguir fotografia com boa qualidade de todas as entrevistadas. A solução foi a realização de duas oficinas percussivas presenciais. Ambas foram realizadas na cidade de São Félix e contou com a coordenação musical da Yalorixá Rosimeire de Amorim e do Grupo de Samba do Machucador. Estratégia acertada, pois todas que participaram contribuíram com seus conhecimentos musicais, oferecendo as integrantes da Escola percussiva Yakurinxirê momentos de ricos aprendizados. Afinal, não é todo dia que acontece um encontro com a presença de Mãe Rose, Samba do Machucador, Beatriz Sena, Flávia Pavan, Talita Horonato, Telma Carvalho, Rosangela Silva, Nataildes Carvalho, Carla Santana, Jeane Lima, Juliane da Silva. O resultado foram fotos maravilhosas, muita música e alegria. Não é objetivo articular as falas das entrevistadas, mas não podemos deixar de registrar que cada uma se expressou ao seu modo, destacando os aspectos que desejava e falando o tempo que quisesse. Assim, apesar de construimos um roteiro básico, cada entrevista é singular, como sua autora.

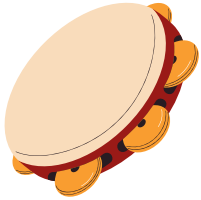
Ao final, nos jubilamos com a força dessas mulheres que, apesar das discriminações, seguem se emocionando com a percussão e fazendo dela um meio de levar conscientização, formação, lazer e amor para todas as pessoas. Esse foi o relato que elas nos ofertaram. Agradecemos a todas as mulheres que se dispuseram a participar disponibilizando suas histórias e todas as pessoas que colaboraram para que o Projeto se efetivasse. Desejamos uma boa leitura e bom uso desse catálogo. Que ele chegue a distintos espaços educativos e contribua para um desejo delas: estimular, por meio da difusão de suas trajetórias, o acesso de mais e mais mulheres ao alegre mundo da percussão.



NARRATIVAS



CACHOEIRA



Beatriz Sena

Ana Beatriz Muniz Sena Conceição é uma jovem de 17 anos, cheia de vida, alegre e contagiante. Mulher negra, nascida na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano.

Bia, como é chamada carinhosamente pelos mais próximos, sempre foi uma criança curiosa para o meio artístico, principalmente o meio musical. Ainda criança começou a se interessar pela música no Colégio SS. Sacramento, com as aulas de músicas começa a tocar flauta e posteriormente entra para a Sociedade Líteromusical Filarmônica Minerva Cachoeirana aonde tocava trompete e clarinete. Já faz 10 anos que Beatriz Sena vive no meio musical e na sua pouca idade já participou de eventos grandiosos entre eles: São Paulo Fashion Week e o Festival de São Félix.



O talento de Bia vem de longe, é uma herança, seu avô Armando Muniz foi um percussionista, fato esse descoberto recentemente. A história da sua família é o que mais incentiva Bia a continuar na percussão. Para Beatriz, a percussão representa empoderamento, força, seu principal instrumento é o Timbal. Bia narra que percebe o preconceito por parte de outras pessoas, pela idade dela ou por ser mulher, por isso reforça a importância das mulheres no meio percussivo.

Pense em uma mulher que vive em movimento constante, essa é Beatriz Sena. Participou e participa de diversos projetos musicais, dentre

eles: Orquestra Jovem (São Félix), Yakurinxirê, Afrodescendente, Muleke é tu, Coletivo Novos Cachoeiranos. Bia sonha que um dia tenha mais produtoras musicais, mais mulheres dominando esses espaços e sobretudo que sejam mais respeitadas e o principal tocar na Timbalada, uma grande fã da banda. Por último, o sonho mais recente de Beatriz Sena é cursar Música na UFBA (Universidade Federal da Bahia), localizada na cidade de Salvador, que segundo Bia “é a cidade da percussão”

Mariana Pacheco

Mariana Pacheco Pereira de Moura é uma jovem mulher negra de 23 anos, nascida e criada na cidade de Cachoeira. Filha da Dona Marina, é irmã de dois rapazes e já é mãe de um pequeno menino de quatro anos. Há 8 anos vive no meio musical.

É uma mulher que parece ser séria, mas no final sempre está com um sorriso no rosto, faz parte também de um grupo de dança de nome, Grupo EX13; Mariana também joga Handebol, ou seja, ela vive em movimento constante. Começou a se interessar pela percussão a partir da amizade com a Beatriz Sena, amiga de longa data. Depois de presenciar o Olodum tocando em um ensaio na cidade de Salvador, gostou tanto que resolveu se aventurar na percussão.



É a única da sua família que é do meio artístico, sente prazer em tocar dobra. Desde os 8/9 anos toca instrumentos entre eles: clarinete, requinta. Sua história com a música começa ainda na escola e em pouco tempo entra para a Sociedade Líteromusical Filarmônica Minerva Cachoeirana, aonde desenvolve mais interesse pela música.

Mariana destacar que pelos olhos de terceiros é possível observar o desgosto por ela e outras mulheres ocuparem espaços entre os percussionistas homens, contudo ela sinaliza que isso é bom, elas estão quebrando padrões, estão se empoderando e que a percussão é uma válvula de escape, que salva muitas mulheres.

Tudo na vida de Mariana envolve música, participa de alguns projetos da cidade heroica, dentre eles: Orquestra Reggae, Afrodescendente e a Orquestra Feminina. Sonha em cursar música da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).



SÃO FÉLIX - MURITIBA



Geovanne Moreira "a Jéssica"

Geovanne Moreira Cazaes, a Jéssica ou a Onça do grupo de Capoeira, é uma mulher de mil nomes e mil faces. Natural de São Félix, mas criada em Muritiba, mulher negra, candomblecista, professora de capoeira do Grupo Raça, estudante do curso de Museologia da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).

Mulher, menina, sempre lutou pela sua independência e na realização de seus sonhos. A Onça da capoeira foi criada pela sua avó materna, teve uma infância um pouco conturbada e testemunho inúmeras violências físicas e psicológicas cometidas contra as mulheres a sua volta (mãe, avó, parentes próximos), por tais razões sempre buscou mudar a trajetória da sua vida.



Ainda na infância, por meio de uma brincadeira de criança, se encontra com a capoeira, como se fossem velhas amigas. Logo, recebe a acunha de Pimenta e com o tempo é alterado para Onça. Gosta de tocar Berimbau e os tambores ancestrais, atabaques, não possui um instrumento preferido, cada instrumento desperta uma emoção, um sentimento e desta forma Onça toca percussão. Como outras percussionistas, ela afirma que sim, sofre preconceito por ser mulher.

Lembrou episódios de não ter tempo/espço dentro da roda de capoeira ou quando quer tocar os instrumentos. Deseja que por meio da percussão e da capoeira mais mulheres possam ter consciência da ancestralidade negra.

Para ela, a percussão representa carinho, amor, deixar o egocentrismo de lado e criar novas formas de expressão. Segundo as palavras de Onça: “A capoeira e a percussão significam resistência, é a consciência da vida”.

Flávia Letícia Gomes da Conceição Pavan "Espaguete"



Flávia Pavan, conhecida como “Espaguete”, é estudante do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e professora de História da rede privada de educação no município de Cruz das Almas.

Oriunda do município de Muritiba, cidade que proporcionou o primeiro contato com a capoeira e com a percussão. Espaguete é integrante do Projeto de capoeira Crescer e da Yakurinxirê. Escola de Formação Percussiva de/para Mulheres. A percussão produziu raízes fortes na família de Flávia, seu irmão Fábio Gabriel também é percussionista.



Flávia gosta de tocar: berimbau, atabaque, pandeiro e timbal. Desde os 17 anos de idade toca instrumentos de percussão, que se fortaleceu quando ingressou no Yakurinxirê. A percussão para Flávia significa: cura, cuidado, lazer, disciplina, evolução e escuta. Quando perguntada sobre o Yakurinxirê, Flávia respondeu com as seguintes palavras: “É o lugar de acolhimento, cura e aquilombamento de mulheres negras e não negras, resistindo a vários marcadores sociais. Espaço de empoderamento e autoconhecimento”.

A percussão sempre fez parte da vida de Flávia, antes mesmo do seu nascimento, sua mãe era capoeirista e durante a sua gestação praticou capoeira. Posteriormente, com a capoeira, a musicalidade entrou na sua vida para nunca mais sair. Flávia sinaliza que a percussão é “uma extensão do meu pensar, agir, ouvir, absorver e sobreviver.”

SANTO AMARO

Andréa Gomes

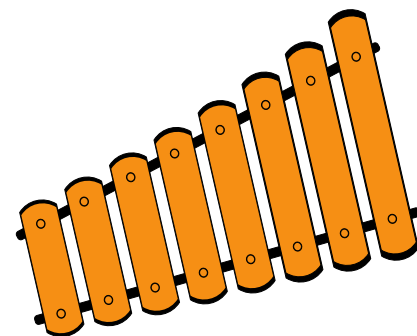
Andréa Gomes dos Reis, conhecida como Andréa Rasta, e mãe de um casal de gêmeos, professora Azulejista e funcionária pública. Sua história com a percussão começou quando era dançarina de um bloco afro situado no recôncavo. A curiosidade pelos instrumentos e a possibilidade de tocá-los logo toma forma.

A percussão na sua vida possui uma emoção indescritível e é muito difícil para Andréa explicar em palavras, um misto de energias e emoções. Almeja que outras mulheres se espelhem e tomem coragem para buscar seus sonhos, ser livres para gritar, fazer o que gosta, encorajar outras mulheres.



Após a Macha para Mulheres Negras em 2015, ocorrido em Brasília/Distrito Federal, Andréa ficou inspirada pela multidão de corpos negros e por ver tantas mulheres percussionistas. Logo, resolveu unir forças com outras mulheres na formação de um grupo de percussão de mulheres. O grupo Mulheres Percussivas, iniciou com 23 mulheres, na atualidade possui 15 mulheres que, segundo Andréa, “garantem o suficiente para enfrentar um público e fazer a poeira subir”

A percussão na sua vida representa amor, experiências, empoderamento e, principalmente, liberdade.





Carla Caroline Santana

Natural de Santo Amaro, 36 anos, Carla Caroline Santos de Santana tem graduação em licenciatura em Pedagogia e em História, com pesquisas sobre História Local e mulheres percussionistas. Ela toca fundo e está aprendendo a tocar outros instrumentos.

Carla faz parte da Banda Mulheres Percussivas foi formada em 2016 na cidade de Santo Amaro. A formação da Banda e o interesse dela pela percussão surgiram após a sua participação na Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver, realizada em Brasília em maio de 2015.

No processo de constituição da banda, eram mulheres de idades diferentes, de crianças a idosas, reunidas para conversar e pra ter contato com os instrumentos. A partir dos instrumentos, as relações e a percussão foram acontecendo e se aprimorando, através dos encontros que aconteciam a noite em uma escolinha cedida pela prefeitura de Santo Amaro, e com o tempo foram se profissionalizando.



Inicialmente tiveram um professor de percussão e nesses encontros elas conversaram sobre o lugar da mulher na sociedade, política, educação, família e aprendiam sobre os instrumentos percussivos. Segundo Carla, esses encontros funcionavam também como uma terapia, por ser um encontro de mulheres de várias idades conhecendo os instrumentos percussivos. E com o tempo foram se desenvolvendo sozinhas.

Quando se consagraram como Banda passaram a ser convidadas para tocar em vários espaços, a exemplo do carnaval de Salvador em 2017, eventos na UFRB, e com outras bandas de Santo Amaro e Salvador. Atualmente, o grupo é regido por mulheres, tem o próprio estatuto, sendo um projeto organizado, no qual Carla trabalha diretamente buscando apoio e encontro com outros grupos.

É um grupo de afetividade, encontro com a ancestralidade, discussões sobre gênero, preconceitos e discriminação, e hoje tem selecionado músicas que façam enfrentamento nas lutas sociais. O instrumento percussivo que ela mais gosta de tocar é o fundo, pois ela vê o fundo como o coração da percussão, considerando-o como a marcação do compasso. Assim, quando ela está fora do compasso, a música não acontece. E também gosta de tocar a dobrada. Ela se sente livre tocando, se sente em contato com sua ancestralidade, como se seu corpo respondesse a percussão e vibrasse junto com o instrumento.

Ela toca há cerca de 6 a 7 anos, mas nunca teve contato com recursos financeiros provenientes de fontes externas. Todos os recursos, que são poucos, e são gerados por meio das toçadas, encontros e ações que o grupo vai desenvolvendo com outras mulheres. Portanto, ela relata que nunca recebeu um investimento para o aprimoramento percussivo, extra essas ações realizadas pelo grupo. Sobre os preconceitos, ela nos contou que enfrentou muitos, principalmente nos ensaios em praça pública, quando sempre ouvia piadas do tipo: aqueles instrumentos não foram feitos para mulher, que os instrumentos são pesados, questionando a forma de pegar e tocar o instrumento, questionando suas questões pessoais e escolhas afetivas. Sem contar dos muitos apelidos chulos e xingamentos.

Como é professora e trabalha diretamente com a educação, com crianças e adolescentes, a percussão representa um conhecimento a mais sobre ancestralidade, pesquisa e desmistificação do papel da mulher na musicalidade e na sociedade.

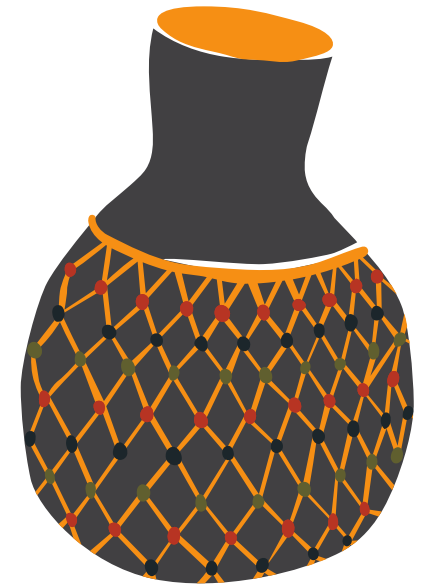
Seu sonho em relação a percussão é aprender mais, fazer com que outras mulheres conheçam a percussão e que as Mulheres Percussivas consigam alcançar mais mulheres e implantar em outros bairros da cidade de Santo Amaro esse contato com a percussão. Para Carla, a percussão tem uma importância em sua vida na medida em que faz ela se conectar com ela mesma e com sua ancestralidade. É onde ela se sente livre e em paz, pois seu corpo e sua mente vibram quando estão em contato com a percussão.

Anete Carvalho

Anete Carvalho dos Santos, mulher negra, Lgbtqia+, militante da Rede de Mulheres Negras da Bahia, mãe solo de um casal. Oriunda de uma família grande e animada, que gosta de batucadas e aproveita quaisquer motivos para comemorar e festejar. Anete também é acadêmica, formada em Letras pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e pós-graduada em História da África pela UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).

Sua principal inspiração é o seu avô, que por meio das suas histórias com o samba acendeu a chama de percussionistas da neta. Pretende aperfeiçoar as técnicas percussionistas, cheia de energia e animação. Gosta de tocar bongô, pandeiro, caxixi, timbal e cajon.

Seu sonho é formar um grupo de samba com as crianças da família. A percussão na sua vida é uma terapia, lhe faz muito bem. A deixa energizada e potente.





Luana Gonçalves

Luana Roberta Gonçalves é uma mineira de 37 anos que se fixou em terras baianas. Primeiramente o seu sonho é se torna cantora de pagode, mas não é qualquer pagode; tem que ser o pagode meloso, romântico de Minas Gerais.

Mulher negra Lgbtqia+, candomblecista e capoeirista, Luana Roberta é uma mulher que reside na cidade de Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano. Sua vida é banhada pelas águas, pela natureza e na busca pela saúde. Uma intelectual da natureza, formada em Comunicação e pós-graduada em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).



Sua história com a percussão nasceu com a capoeira, foi um grande golpe ancestral, já que a junção da percussão com a capoeira a levou para o candomblé. Ela é uma das poucas integrantes da sua família que toca algum instrumento e a única percussionista. Gosta de tocar Mbira, caixa e atabaques, Berimbau. A capoeira e o candomblé a ensinou a tocar, a cantar, a cuidar.

Luana adora juntar amigas/amigos/amigues para um samba de roda, que cura a alma e é uma grande animação e movimenta a vida. Mas como sempre a capoeira está a todo instante entrelaçado ao samba. A capoeira significa disciplina, dengo.

A percussão na sua vida é um caminho que não acaba mais, água profunda que a deixa sem palavras, casa, lugar que ajuda a reaver o que nos tornar quem somos. Ela se ver estudando/construindo e dando continuidade ao ensinamento que lhe foi passado. E assim é Luana Roberta, criando seu som, sua música com toda animação e encanto, sempre com um sorriso no rosto; ela é aquela parceira que o destino nos entrega de bom grado e diz: “**ela faz música boa, se quer um som chama a Luana**”

Raimunda Pinto

Professora de educação física, formada pela UniJorge, 55 anos, com atuação no Juizado de Menores, Raimunda já tocou em algumas bandas entre elas: Banda Marcial Cobrac. Raimunda vem de uma família de músicos está no meio artístico há mais 10 anos, gosta de tocar caixa.

A percussão representa tudo na sua vida, pois se sente realizada quando a percussão lhe permite enxergar o brilho nos olhos das crianças por meio da música. É uma mulher de todas as religiões.



CONCEIÇÃO DA FEIRA

Mencia Moreira da Paixão

Natural de Conceição de Feira, 41 anos, Mencia Moreira da Paixão é mãe, pedagoga e professora de capoeira. Treina e é professora de capoeira há mais de 20 anos e trabalha com as crianças dentro da capoeira utilizando sempre o lúdico, principalmente através da percussão, seja ela em aulas práticas ou teóricas.

Por intermédio do seu irmão, que é contramestre em capoeira, ela teve o incentivo de praticar a capoeira. Então, entre seus 16, 17 anos decidiu fazer parte da capoeira. E assim surgiu seu interesse pela percussão, após entrar no grupo de capoeira, pois na capoeira ela viu a possibilidade de participar do mundo percussivo. Nesse grupo ela também viu a oportunidade de frequentar um meio que antigamente era exclusivo para os homens e que atualmente já está aberto para as mulheres.



Os instrumentos percussivos que ela mais gosta de tocar são o berimbau e o atabaque. Através da capoeira ela já ministrou aulas em outras cidades utilizando a percussão como didática da aula. Sobre os sentimentos ao tocar o instrumento, ela diz que só de ouvir o som do berimbau e do atabaque ela sente um arrepio no corpo, como se o instrumento estivesse chamando para participar da roda. E complementa: “Tem uma música que fala, né? ‘Quando ouço o som do berimbau meu corpo se arrepiá’ E, realmente, quando você começa a participar de um grupo de percussão, que você gosta daquilo que você faz, que você vê que tem uma visibilidade melhor, você fica muito feliz, e eu me sinto muito realizada com a percussão.” No grupo de capoeira ela teve e segue tendo acesso aos instrumentos.

O seu grupo compra os instrumentos e também realiza oficinas de confecção de instrumentos. A respeito dos preconceitos que ela enfrentou para aprender a percussão, Mencia compartilha que inicialmente, sua mãe era contra sua participação na capoeira, pois naquele tempo a capoeira era muito marginalizada e frequentada apenas por homens. E também quando começou a trabalhar em um colégio particular, uma mãe quando soube que ela seria a professora, questionou: “Ah, aquela capoeirista?” Outro momento foi quando ela estava no início, ingressando no grupo. Ela notava que muitas vezes na roda, quando estavam cantando e tocando, o microfone ficava predominantemente sendo passado para os homens, o que foi mudando com o tempo.

Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública e privada, em sua vida profissional a percussão representa um meio de tornar a aula mais prazerosa, é um recurso que a mesma usa como base para o trabalho com as crianças. Ela almeja fazer um trabalho nas escolas, visando a leitura, interpretação e alfabetização por meio da percussão. Seria a promoção de um projeto para trabalhar de forma lúdica a musicalidade, a oralidade, a leitura, a coordenação motora e a visomotora das crianças.

Ela integra o Grupo Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro (ACARBO), onde teve um processo maravilhoso, desde o início, no qual houve incentivo para o aprendizado das mulheres. Enfim, a percussão é vista por Meneia como uma válvula de escape, pois cantar e tocar traz calma e estar no grupo de capoeira vivenciando esse momento percussivo fortalece esse sentimento.



Aline Serra da Conceição

Natural de Conceição de Feira, 35 anos, Aline Serra da Conceição é mãe, contramestre de capoeira e estudante de educação física. Praticante de capoeira há 25 anos, é conhecida dentro do grupo como “Mestre Cobra”. Iniciou na capoeira aos 10 anos de idade, mesmo sem muito apoio de seu pai. E, atualmente considera a capoeira como um divisor de águas em sua vida, principalmente por ter aprendido muito sobre respeito e valores, os quais está passando para o seu filho, também praticante de capoeira desde os 3 anos de idade. Em relação a sua graduação em Educação Física ela pretende montar algo voltado para crianças e idosos, sendo que exploraria a capoterapia em idosos. Como atua como professora ela tem os próprios instrumentos, mas revela que de forma independente, pois em sua cidade os recursos do município são bem precários.



Ela vem de uma família que gosta muito de samba de roda. Então, acompanhava o pai, os tios, o padrinho em sambas. Eles sempre tocavam atabaque e pandeiro. Assim, com a capoeira o desejo de Aline pelos instrumentos percussivos aumentou mais ainda. Com isso, ela aprendeu a tocar berimbau, atabaque e pandeiro de forma mais natural, pois já era familiarizada e também gostava muito.



Dentro da capoeira o instrumento que mais gosta de tocar é o berimbau. Contudo, no meio percussivo ela prefere o atabaque, por remeter a questão de seus ancestrais e a momentos nos quais esse instrumento diversão e interação familiar. Ao tocar o atabaque ela se sente livre, pois consegue projetar seus sentimentos e pensamentos, sem se abalar com o que os outros dizem por ela ser negra.

Em sua trajetória ela enfrentou preconceito ao tocar. Antigamente, mesmo saindo com seu pai para as rodas de samba, quando ela demonstrava interesse em toca um instrumento, o seu pai considerava que aquilo era coisa de homem. Atualmente, ele não tem mais esse pensamento. Outras situações eram quando a considerava lésbica por tocar, jogar capoeira ou pelo seu tom de voz.

A importância que a percussão tem em sua vida profissional está muito associada ao reconhecimento que a mesma tem nas rodas, sendo muito requisitada por cantar e tocar nas rodas, dar seu tom, e, como ela mesmo nos contou “dar um gás quando a roda está morta”. Hoje sendo reconhecida também em Santo Amaro e Salvador. Ela tem planos de montar uma banda com meninas e mulheres, visto que muitas ficam escondidas, por vergonha ou medo. Então, deseja construir um grupo de percussionistas, para assim todas poderem revelar o grande potencial que têm.

Aline começou sua vida na capoeira Nova Geração. Atualmente integra a Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro (ACARBO), grupo ao qual ela credita sua evolução até se tornar contramestre.

Respeito é sua palavra, quando pensa na percussão na sua vida. Aline revela que a percussão tem importância por representar respeito, pois ela considera o atabaque como o instrumento consagrado dentro da capoeira, que vem de uma linhagem africana, que descendem de seus orixás. E isso a faz refletir que devemos ter respeito um pelo outro, por mais que não goste do que o outro faz.

CABAÇEIRAS DO PARAGUAÇU

Priscila Sales de Jesus

Natural de Cabaçeiros do Paraguaçu, 28 anos, Priscila Sales de Jesus é cantora, instrumentista e compositora. Desde muito nova, ela gosta de tudo que está ligado a música. Começou a tocar violão aos 8 anos e teve seu primeiro contato com a percussão aos 10 anos.

Sem recursos para investir em seu aprendizado, conseguiu aprender a tocar no grupo do coral infantil da igreja. O timbal foi um dos primeiros instrumentos que ela aprendeu a tocar e ele se tornou seu instrumento favorito, tendo com ele uma relação afetiva. Ela relata que sente uma energia muito boa quando está tocando esse instrumento, funciona como algo terapêutico, pois se sente muito relaxada tocando. Priscila considera que a percussão foi fundamental no seu ingresso no meio musical, afinal os instrumentos percussivos foram os primeiros que ela aprendeu e com eles, ela foi se apaixonando cada vez mais pela música.



E atualmente em sua banda, intitulada Priscila Sales, ela não se vê sem a utilização de um instrumento percussivo, pois ela sente que dá um astral muito bom nas músicas, dá uma vida na banda. Em sua trajetória ela enfrentou e enfrenta preconceito pela questão de gênero, a exemplo de momentos da infância em que os meninos eram escolhidos para tocar, pois eram considerados os mais aptos a tocar. E atualmente, ela repara muitos olhares diferentes quando vai aos lugares para tocar, o que é intensificado pelo fato dela ser lésbica.

O sonho dela é ver mais mulheres tocando percussão. Não é fácil encontrar mulheres tocando em bandas, até porque em nossa região tem poucos cursos de percussão para incentivar as meninas a entrar no mundo percussivo. Um desejo particular dela é ter uma integrante mulher tocando em sua banda, o que já procurou e não conseguiu.

Considera que seu grupo de pertencimento é a banda, pois sua trajetória foi especificamente solo, e agora ela atua numa banda que foi um de seus sonhos, hoje realizado. Esse caminhar a faz se sentir progredindo no mundo da música.

Priscila tem um sentimento afetivo com a percussão, pois ela relembra de onde veio, ou seja, como iniciou sua trajetória musical.



Naiane de Souza de Araújo

Natural de Cabaceiras do Paraguaçu, 29 anos, Naiane de Souza de Araújo faz parte do grupo de capoeira Cobra Can desde 2017 e trabalha com samba de roda com crianças e adolescentes. É agente cultural, líder do grupo de samba de roda Mirim Raízes do Paraguaçu e faz parte do Conselho de salvaguarda do samba de Roda da Bahia - ASSEBA.

Seu interesse pela percussão se deu por influência de familiares, pois muitas pessoas fazem samba de roda entre a família, com rezas e brincadeiras desenvolvidas dentro de casa, como o caruru. Então, suas referências vêm de primos, que em sua infância iam pra sua cidade, com os instrumentos, fazer samba. Em 2016 ela entrou na capoeira; depois da capoeira começou a tocar e, em 2017, iniciou o trabalho com samba de roda com crianças no parque histórico de Cabaceiras. Com o tempo foi se empenhando e se aprofundando nos instrumentos.

O instrumento percussivo que ela mais gosta de tocar é o pandeiro, ela sente como se o instrumento fosse uma extensão de si, se sente livre. Ela ressalta que as músicas de capoeira retratam muito a época da escravidão e os respectivos sofrimentos. Assim, hoje se sente livre tocando, especialmente porque naquele período não era permitido e agora pode tocar livremente em sua casa. Conforme ela, isso tudo lhe deixa muito emocionada, muitas vezes sente arrepios, o que ela acredita vir da ancestralidade.



Assim, o interesse pessoal e familiar em tocar vem da ancestralidade, que os incentiva a querer continuar, reunir e tocar com muito amor, dedicação e respeito pelo instrumento. Afinal, eles compreendem que hoje os instrumentos são liberados para tocar, mas no passado era proibido. Por tudo isso, ela se sente extremamente realizada.

Com esses vínculos familiares, Naiane tem contato com os instrumentos desde os 7(sete) anos de idade, mas toca e estuda os instrumentos com certa constância há 6 anos. No que se refere aos estudos, Naiane nunca teve condições para realizar um curso na área de formação musical. Ela costuma usar a internet como fonte para estudos e já adquiriu vários instrumentos percussivos, o que facilita sua prática e desempenho. O projeto que ela desenvolve com o samba de roda mirim é um trabalho social, voluntário e que é muito gratificante.

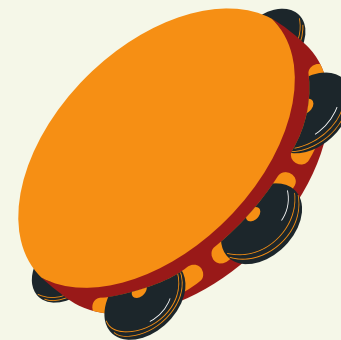
A ideia do projeto é levar a musicalidade negra, o samba, a letra e a luta para as crianças da comunidade. Para ela atuar nesse projeto é uma forma de enriquecer a realidade de algumas crianças que estavam sem nenhuma referência cultural,

É parte dos seus sonhos criar uma escola percussiva, com muita música e cultura. Um espaço no qual pessoas de qualquer faixa etária possam participar e aprender. Então, a ideia é que daqui a alguns anos tenha-se um espaço no qual se desenvolva o aprendizado de todos os tipos de instrumento. Então, além de se sentir com certa responsabilidade por ser estudante de Serviço Social, tem essa responsabilidade junto com a comunidade cabaceirense. E também sonha que um dia a percussão esteja nas escolas.

O primeiro grupo que ela participou foi o grupo Cobra Can, com o professor Daniel Sete Metro, responsável pela sua aproximação do pandeiro e do atabaque. Todos esses aprendizados sempre aconteceram nas rodas de capoeira, que é o momento no qual os conhecimentos são efetivados.

A percussão é algo que ela não consegue mais viver sem. Ela considera que é algo que faz parte de sua origem, de suas vivências. Naiane revela que: “A música negra, nessa questão da percussão é fundamental na música popular, e antes entendemos que era muito marginalizado e hoje podemos ouvir o samba e seus derivados. Hoje essa questão da percussão e da música transformaram a minha vida, pois hoje eu tenho um propósito. E meu propósito surgiu a partir dessa música forte que veio muito antes de nascer e hoje traz um significado muito grande na minha vida.

Porque o meu projeto é a minha vida, o projeto que a gente desenvolve aqui faz parte da minha vida. Hoje eu não sei pensar em outra coisa a não ser como manter, como desenvolver esse trabalho, como vai ser visto, como a gente vai produzir, o que as crianças precisam aprender, como elas podem viver de percussão, pois o intuito é oferecer a eles o básico. Para, quem sabe, eles serem percussionistas, pessoas da música, musicistas ou algo do tipo, artistas. Então, a percussão hoje na minha vida é um sonho realizado.”



CRUZ DAS ALMAS

Tamires Teles

Natural de Cruz das Almas, 29 anos, Tamires Santos Teles é mestra em história, estudante de Licenciatura em Música Popular Brasileira na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), cantora, compositora e percussionista. Também é professora de pandeiro, com aulas direcionadas ao público feminino e participa da banda Baião de Luzia.

Entre 2011 e 2015, quando estava na faculdade, residiu em Cachoeira e lá iniciou a sua profissionalização musical. Do ambiente familiar vem várias influências com a música: o avô é musicista; primos são produtores musicais, pai que em sua infância comprava muitos CDs e tornava o ambiente musical. Contudo, nenhum de seus familiares eram percussionistas e em sua adolescência aprendeu a tocar violão. Mas, foi em Cachoeira que iniciou o processo mais técnico.



No período da sua graduação, ela levava o violão para a faculdade e cantava com seus amigos, e assim foi convidada pra participar da Banda Escola Pública. Por volta de 2013 participou de um projeto musical com amigos, intitulado Escaparate Baiano e foi nesse projeto que ela começou a tocar pandeiro. Em 2014 começou a cantar profissionalmente sozinha em eventos e atualmente compõe a banda Baião de Luzia e ministra aulas de pandeiro.

O instrumento que ela mais gosta de tocar é o pandeiro, que toca há quase oito anos. Autodidata, nunca fez cursos, sendo a internet seu meio de aprendizado. Comprou seu primeiro pandeiro em 2012, na época o mais barato do mercado. Com o tempo conseguiu adquirir um instrumento de melhor qualidade para tocar. Mas desde a primeira banda ela já tocava alguns instrumentos percussivos.

Ela nos expõe que mesmo tendo muitas mulheres ativas, o mundo midiático é praticamente dominado por homens, o que torna mais fácil conhecê-los. Nesse cenário, tocar para ela significa lutar contra a corrente, deixando-a feliz em poder ensinar a arte da percussão para outras mulheres. Até porque, segundo ela, o pandeiro transmite uma sensação incrível de prazer, felicidade e alívio por fazer bem o que ama.

O fato de ser uma mulher em um ambiente de domínio masculino a fez passar por situações de preconceito, sendo testada sobre suas habilidades percussivas a todo tempo. A partir disso, passou a tomar posturas mais ríspidas com essas situações.

A percussão representa a renda na vida dela e o sonho da vida dela é expandir o projeto para mais mulheres. E como ela buscou referências de maneira autônoma e por ser ativa nas redes de contato via internet, ela se considera pertencente ao grupo que construiu nessa plataforma no sentido de afinar interesses e objetivos, o resulta em colaboração de projetos, aprendizados e contatos.

A percussão é indissociável de sua vida profissional e pessoal, pois os âmbitos do projeto solo e as atividades da banda se interligam, seus amigos também são percussionistas e ela tenta se aperfeiçoar cada vez mais para ensinar em seu curso de pandeiro. Então, ela doa bastante energia para a percussão, que significa tudo na sua vida.

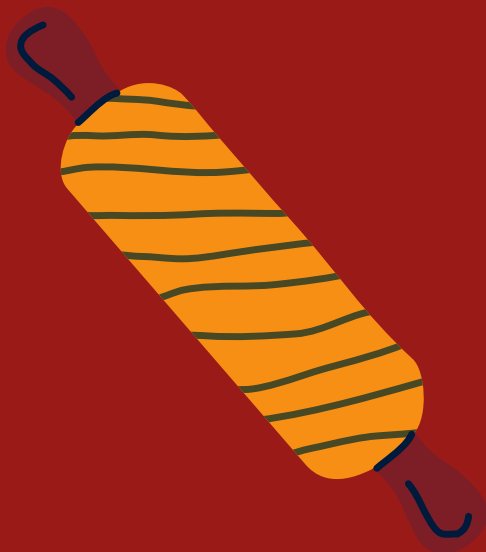


Telma Carvalho de Jesus Braga

Natural de Cruz das Almas, 53 anos, Telma Carvalho de Jesus Braga é mãe, professora, especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Ativista Cultural. Fundadora dos grupos culturais Presépio e Ternos de Reis Alegrias do Recôncavo e Samba de Roda do Machucador. . Mulher negra, filha de Mestra Madalena e caçula de oito irmãs, se considera uma sobrevivente, diante dos acontecimentos desfavoráveis às mulheres negras em nossa sociedade Seu interesse pela percussão se deu através das lembranças familiares, pois seu pai tocava pandeiro e cavaquinho. Os instrumentos que ela mais gosta de tocar são os pratos e os machucadores, os mesmos que ela toca no grupo de Samba de Roda do Machucador. Telma Braga toca há muitos anos e, mesmo com recursos próprios, já repassou essa arte para as novas gerações. Ela nos relatou que quando toca se sente muito feliz e realizada.



O enfiamento ao preconceito é diário em todos os sentidos, mas ela não permite que a arte seja deixada de lado. A percussão representa hoje em sua vida profissional um símbolo de realização, principalmente por ter idealizado a percussão em pratos de madeira que fazem o ritmo do Samba de Roda do Recôncavo. Seu maior sonho percussivo é que mais mulheres se envolvam e perpetuem esse legado.

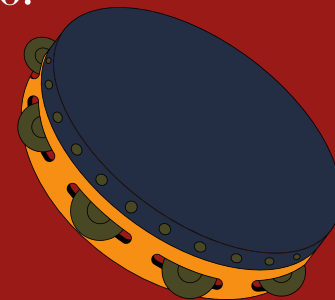


Em relação ao seu grupo de pertencimento, Telma nos revela: “O Samba do Machucador é liderado por duas mulheres, a Mestra Madalena Carolina e sua filha Telma Carvalho, conta a história das vivências e luta de mulheres negras, guerreiras e de coragem, trabalhadoras de Armazéns de Fumo e Casas Grandes de fazendeiros da cidade de Cruz das Almas e região. E que firmes e fortes reproduzem as cantigas de samba roda com ritmos diferenciados na percussão com pratos e machucadores de madeira, utensílios usados por elas para o preparo dos alimentos no trabalho diário, em suas residências e em “casas de famílias”, onde tiravam seu sustento nas fazendas da região. Pratos e machucadores de madeira muito usados nas senzalas, heranças deixadas pelos nossos ancestrais, que há muito foram escravizados. O grupo de samba de roda segue preservando e garantindo a transmissão desse legado para as novas e futuras gerações. Tendo como peculiaridade os machucadores e pratos de madeira, que dá o ritmo original do samba, fazendo a releitura de suas histórias de vida. E nas lutas e labutas do dia a dia e com toda sua graça e beleza, seguem cantando, contando e encantando com apresentações públicas por todo o recôncavo e deixando sua marca, alegrando os apreciadores dessa manifestação por onde passa. Dando origem ao nome, o grupo “Samba do Machucador” foi fundado em 20 de setembro de 2002,

realização do sonho da Professora Telma Carvalho de Jesus, tendo como referência as ricas vivências com sua mãe Mestra Madalena, “charuteira” e de mulheres que ganhavam seu dia com o trabalho em Armazéns de Fumo e Casas Grandes de fazendeiros da cidade de Cruz das Almas e região. As memórias contadas em forma de músicas e danças retratam o modo de vida de mulheres que não perderam suas origens, valorizando sua ancestralidade e fazendo a releitura de suas histórias de vida, preservando as nossas heranças culturais e por acreditar e vivenciar a vasta bagagem cultural que os negros e negras trouxeram para a construção da nossa Nação e a preservação da cultura do samba de roda, seguem perpetuando esse fazer cultural em forma de versos, agregando homens, jovens e

o samba de roda mirim para que as crianças continuem preservando esse legado e salvaguardando esse Bem Imaterial na cidade de Cruz das Almas.”

Hoje a percussão, precisamente os pratos de madeira e os machucadores, são muito importantes em sua trajetória, pois através dos rirmos contagiantes, ela pode perceber a mudança no humor e a elevação da autoestima. E se sente muito realizada em criar um instrumento percussivo diferenciado.



Talita Lopes Honorato

Natural de Fortaleza-CE, 37 anos, Talita Honorato mora há quase oito anos em Cruz das Almas e trabalha como docente de Microbiologia no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). cursou Engenharia de alimentos na Universidade Federal do Ceará e doutorado em Engenharia Química na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), quando realizou intercâmbio na Alemanha. Se no início da estadia em Cruz das Almas, Talita relata sentir muita falta das experiências em cidades grandes, com o tempo se permitiu para conhecer outras pessoas e o que a região tem de bom para oferecer.

. Cachoeira era uma cidade que ela já tinha certa afinidade e gostava muito pela vida cultural, e em uma dessas idas ela participou de um curso de feminismo negro. Foi quando conheceu a professora Martha Rosa e outras professoras do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB) e Flávia que lhe apresentou o grupo do Yakurinxirê. Apesar do receio em ingressar em coisas novas, ela foi para o primeiro encontro e seguiu participando.



A respeito dos preconceitos enfrentados, July relata um momento em um terreiro em Salvador, no qual quando ela foi tocar pediram para que ela saísse, pois ali mulher não tocava atabaque. A justificativa era que aquele instrumento era apenas para homens, pois o atabaque recebia obrigações religiosas e por conta da menstruação, se a mulher tocasse iria enfraquecer o instrumento. Como trabalha em tempo integral, Juliane consegue se dedicar aos instrumentos apenas em seu tempo livre. E consegue realizar os shows com a banda, praticamente apenas nos finais de semana. Assim, ela toca em sua banda local, em festas públicas e privadas, realizando shows em bairros ou cidades vizinhas como Muritiba, Mangabeira e Sapeaçu.

Seu maior sonho é ter uma percussão completa, e assim poder ingressar em outras bandas e mostrar seu trabalho. E também sente vontade de compartilhar seus conhecimentos com outras mulheres, mas pela falta de instrumentos fica impossibilitada.

Seu grupo de pertencimento é o grupo religioso, pois seu tio é pai de Santo do mesmo terreiro que ela frequenta. É desse universo que vem seu maior contato com os instrumentos e com as pessoas que contribuíram em sua trajetória. A percussão representa em sua vida pessoal a importância de ter aprendido. Ela valoriza muito a importância da percussão em sua vida, pois representa a superação do desafio de aprender a tocar um instrumento que é muito difícil, principalmente para quem não tem condições para investir em cursos. Para ela é fantástico poder transmitir uma energia boa, ver as pessoas lhe assistindo com bons olhos e se inspirando nela para aprender a tocar um instrumento.



A percussão é um novo objetivo em sua vida, um desejo de aprendizado do instrumento para que possa tocar para outras pessoas, e assim compartilhar nos momentos de confraternizações e encontros. Talita integra uma casa de candomblé há três anos e acha lindo escutar os tambores, que já tinha ouvido quando morava em Campinas. Sentir e escutar a faz muito bem, tranquila e com uma sensação bem estar. Então, pra ela é incrível fazer parte disso e se sentir parte de um instrumento percussivo a faz se sentir mais conectada com os tambores e se sentir mais envolvida e tranquila em espaços que tem o tambor.

O sonho que ela possui em relação a percussão é sair da parte técnica e ter o instrumento como uma extensão sua, ter a percussão como uma terapia, e tocar para relaxar sem se preocupar metodicamente com o aprendizado.

Seu grupo de pertencimento é o Yakurinxirê, no qual se senti super bem recebida e bem acolhida, senti acolhimento e passou a se organizar para participar dos encontros, que acontecem em Cachoeira e São Félix. Um grupo no qual sentiu respeito e com liberdade para escolher os instrumentos que iria tocar. Com a pandemia acabou parando de ir, mas seguiu acompanhando o grupo em redes sociais, atualmente voltou a frequentar os encontros do grupo e as aulas de pandeiro com Tamires Teles, no qual também se sente muito a vontade, compreendida e incentivada. Com esses dois grupos ela vem aprendendo um pouco mais sobre as formas, processos e como trabalhar a educação de modo menos fechado. Então, são grupo de vivências muito positivas.



Jeane dos Santos Lima

Natural de Cruz das Almas, 36 anos, Jeane dos Santos Lima é contramestre de capoeira, praticante de capoeira há 22 anos, dos quais quinze anos de atuação profissional, sendo conhecida como Mestranda Baiana.

O interesse pela percussão começou com capoeira, quando iniciou aos 14 anos de idade. Gosta muito de tocar atabaque e timbal.

No decorrer de toda sua trajetória com a percussão, Jeane nunca recebeu apoio financeiro e sempre seguiu seu aprendizado por conta própria e pela vontade de aprender. Ela enfrentou muito preconceito de gênero, e considera que a percussão agrega valores aos seus conhecimentos com a capoeira e seus trabalhos com a cultura (capoeira e samba). Se maior desejo é continuar sempre aperfeiçoando os seus conhecimentos percussivos. Ela é fundadora do grupo de capoeira Associação de Capoeira Dendê Baiano, que existe há 5 anos.



Nataildes Carvalho de Jesus



Natural de Cruz das Almas, 62 anos, mãe, aposentada, Nataildes adora participar de cursos, seminários, conferências e eventos diversos. Faz parte do Samba do Machucador de Cruz das Almas e do grupo da terceira idade Bom Viver, com quem realiza dança, artesanato e passeios.

Na juventude, Nataildes participou da banda do colégio, mas participa ativamente do mundo percussivo desde que entrou no Samba de Roda do Machucador, aos 50 anos, tocando o machucador. Seu interesse pela percussão decorre da vontade de adquirir novos conhecimentos. Para ela, a percussão representa alegria, obtenção de novos objetivos, qualificação e novos aprendizados. O que ela quer mesmo é seguir com os aprendizados, pois ela se sente muito alegre tocando.



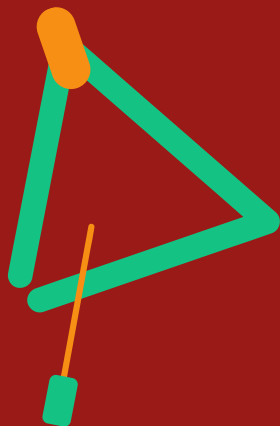
Rosângela Silva

Natural de Cruz das Almas, 45 anos, Rosângela Silva é mãe, professora das redes municipal e privada do município. É formada em História pela Universidade do Estado do Bahia (UNEB); Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais (FACE). Pós graduada em Letramento e Alfabetização e Psicopedagogia pela Universidade Paulista (UNIP). Ativista política e sempre engajada nas causas sociais, Rosângela segue na luta contra todo tipo de preconceito e discriminação. E também é sambadeira, integrante do grupo Samba do Machucador e Samba Mirabela.

Seu interesse pela percussão surgiu aos 6 anos quando aprendeu a tocar pandeiro com sua avó materna, e aos 14 anos participou da banda marcial do colégio, tocando surdo na linha de frente da banda.



Contudo, não deu continuidade a esses aprendizados. Desde 2017 participa do grupo Samba de Roda do Machucador, onde aprendeu a tocar e participa ativamente dos ensaios e apresentações. O Samba de Roda do Machucador, que visa a preservação das raízes do nosso povo que veio traficado para aqui ser escravizado. Rosângela afirma que seu grupo é prova da grande contribuição dos nossos antepassados para a formação da nossa cultura. Nesse movimento, retomou o aprendizado do pandeiro, tocando o instrumento nas rodas de samba.



O instrumento percussivo favorito é o machucador, que a faz se sentir única tocando o instrumento. Atualmente, a percussão é um de seus hobbies preferidos, além de complementar o trabalho da coordenação motora, ludicidade e psicomotricidade, já que ela trabalha em outro segmento. Ela pretende aprender a tocar timbal e poder repassar para gerações futuras. O seu sonho é que a percussão seja tão valorizada quanto a música clássica porque só os ouvidos sensíveis conseguem captar o valor do ritmo. Hoje ela tem pouco tempo para percussão devido as demandas da vida. Mas, a percussão significa para ela um grito de liberdade, um momento para extravasar todo o estresse de sua rotina. Então, ela se sente livre e com as energias renovadas a cada ensaio ou apresentação.

Juliane de Oliveira da Silva

Natural de Cruz das Almas, 23 anos, Juliane de Oliveira da Silva participa da banda O Swingão como percussionista. Ela foi chamada para a banda em 2021 depois que o produtor a viu tocar no samba de roda na praça da cidade.

Seu interesse pela percussão aconteceu desde muito nova por influência da família, que integrava e levava ela para o candomblé desde criança. Então, ela se sentiu muito atraída pelos toques, que era algo que chamava sua atenção, e assim decidiu aprender. Quando chegava em casa tentava praticar em baldes e latas e os momentos de praticar no terreiro. Atualmente, ela recebe vários convites para tocar nos terreiros.



O instrumento que ela mais gosta de tocar é a conga, principalmente porque aprendeu o instrumento de forma bem autodidata, buscando dicas com pessoas que já tocavam o instrumento. Tem também a empolgação pelos elogios que recebe tocando na banda, principalmente por ser muito difícil encontrar uma mulher percussionista em uma banda e nesse instrumento.



Ela aprendeu o instrumento de forma bem autodidata, buscando aprender e pegando algumas dicas com pessoas que já sabiam tocar. Também desde nova, ela tinha os momentos de praticar no terreiro. Atualmente, ela recebe vários convites para tocar nos terreiros.

A respeito dos preconceitos enfrentados, July relata um momento em um terreiro em Salvador, no qual quando ela foi tocar pediram para que ela saísse do atabaque, pois ali mulher não tocava atabaque. A justificativa era que um instrumento apenas para homens, pois eles davam comida ao atabaque e por conta da menstruação, se a mulher tocasse iria enfraquecer o instrumento. Como trabalha em tempo integral, Juliane consegue se dedicar ao instrumentos em seu tempo livre.

E consegue realizar os shows com a banda, principalmente enos finais de semana. Assim, ela toca em sua banda local, em festas públicas e privadas, realizando shows em bairros ou cidades vizinhas como Muritiba, Mangabeira e Sapé.

Seu maior sonho é ter uma percussão completa, e assim poder ingressar em outras bandas e poder mostrar seu trabalho. E também sente vontade de compartilhar seus conhecimentos com outras mulheres, mas pela falta de instrumentos fica impossibilitada.

Seu grupo de pertencimento é o grupo religioso, pois seu tio é pai de Santo do terreito que em ela frequenta, e assim ela foi tendo contato com os instrumentos e pessoas que contribuíram em sua trajetória, além de conseguir se adaptar naturalmente.

A percussão representa em sua vida pessoal a importância de ter aprendido a tocar um instrumento que é muito difícil, principalmente para quem não tem acesso de investir em cursos. E também, pra ela é fantástico poder transmitir uma energia boa, ver as pessoas a olhando com bons olhos e se inspirarem nela para aprender a tocar o instrumento.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

Taine Neves de Jesus Bandeira

Natural de Salvador, 29 anos, Taine Neves de Jesus Bandeira reside em Santo Antônio de Jesus, ela é cantora desde os 13 anos, e atualmente atua na dupla Tai e Dan., formada por ela e sua esposa, Dan. Desenvolveu de forma bem autodidata a percepção de tocar cajon e sua principal fonte de renda é a música.



Sua influência musical vem de seu pai que desde os seus 10 anos de idade via ele tocar saxofone. Seu pai já trabalhou em bandas renomadas de pagode daquela época como Parangolé e Paterbag. Depois foi para Itiruçu/Bahia trabalhar com música e lá se casou com uma moça e Taine permaneceu morando com seu pai. Desde pequena, enquanto presenciava os ensaios de seu pai, as pessoas comentavam que Taine tinha boa percepção musical, de divisão do tempo, inclusive destacando quem poderia está fora do ritmo.

Aos seus 13 anos ela cantou em uma banda criada por seu pai, e desde essa época ela já tocava os instrumentos percussivos disponíveis, ainda sem muito estudos. Seu envolvimento se acentuou por uma necessidade. Certa vez o percussionista que trabalha com elas não pode comparecer a um show e alguns outros que elas tentaram contratar não tinham o instrumento, então Dan comprou um Cajon e como ela já tinha fundamentos básicos de ritmo e de tempo, e pelo incentivo de sua esposa, ela tentou e não parou mais. Então, ela canta e toca com uma baqueta e se tornou uma referência na região fazer som ao vivo e ser atuante na percussão.

O instrumento percussivo que ela mais gosta é o cajon, pois sente que é o que ela sabe tocar melhor, mas tem muita vontade de desenvolver a bateria.

Tocar um instrumento percussivo para ela é libertador, que se sente extremamente bem, como se estivesse em um mundo só seu. Por gostar de uma música mais bem trabalhada ela é conhecida como “dez mãos”, por fazer muitas divisões e com muitas partes em pouco tempo. São técnicas autodidatas que aprendeu para usar no instrumento.



Taine nunca teve a possibilidade de frequentar uma escola de música, sempre foi autodidata, e foi assim que ela se desenvolveu muito por ouvir bem e por tentativas, erros e acertos. Com a prática foi se aperfeiçoando no cajon, já tendo hoje quase quatro anos tocando percussão profissionalmente.

O preconceito que ela considera que vai enfrentar sempre é por ser mulher. Já teve situações em que homens, mesmo sabendo que ela é a percussionista da dupla, se oferecia para trabalhar junto com elas. Ou então perguntando o porquê delas não os chamarem para fazer um som, indagações que não fazem para outras equipes.

A percussão representa uma parte grande de suas paixões. Como seu trabalho é a voz e o instrumento percussivo, este representa 50% de sua questão profissional, também pois é algo que ela é viciada, ela é viciada nas divisões e afinação.

O que deseja com a percussão é reconhecimento. Ela pretende evoluir, mas ser mais respeitada e reconhecida. Principalmente pelo fato de ser mulher, ela esperava certa notoriedade. Afinal, ela observa que nos encontros de bateristas que tem na cidade nenhuma mulher é convidada e nunca participou.

Seu grupo de atuação é a dupla Tai e Dan, uma dupla sertaneja, com Tai cantando e tocando cajon e Dan cantando e tocando violão. Quando elas têm um show maior, convidam mais musicistas. Então, seu desenvolvimento percussivo se deu atuando nessa dupla.

A percussão hoje representa em sua vida pessoal um facilitador, tanto no campo financeiro quanto pessoal. A cada show, quando ela percebe que o som está bom e que ela está bem na percussão e na voz, a sensação é de profunda satisfação e recompensa.

SÃO FRANCISCO DO CONDÉ

Mãe Rosi

Rosemeire de Amorim, ou Mãe Rose nasceu e foi criada na cidade de São Francisco do Conde, é Iyálorixá há 30 anos. É viúva, mãe e avó; mulher negra que se orgulha em ser caminhoneira, motorista de ônibus e empilhadeira de caminhão. Mãe Rose ama dirigir.

Entre os 5 primeiros anos da sua vida, começou a tocar os atabaques. E aos 13 anos foi apontada Iyálorixá. No seu terreiro Mãe Rose toca todos os instrumentos. Em outras casas de candomblé, apenas com a permissão da sacerdotisa ou sacerdote. Ela nos contou que quando criança já aconteceu de ser acordado para tocar para os orixás, o que expressa o respeito dos orixás por ela e vice-versa.



Gosta de tocar especificamente o atabaque de nome: Rum, seja ao som de Ketu, Jeje ou Angola. Por meio de um projeto promovido pela Lei Aldir Blanc, conseguiu participar de uma oficina no ano de 2021. Mãe Rose aponta que já passou muito preconceito, pelo envolvimento com a percussão já que os atabaques dentro das religiões de matrizes africanas são tocados por homens. Vive também preconceito no campo profissional, pois relata que perde oportunidade para colegas de profissão poucos qualificados, pelo simples fato de ser mulher.

A percussão lhe proporcionou viajar por diversos lugares, tocando em lavagens e em grupos de afoxé ou samba de roda. Sonha em colocar seu grupo de samba para se apresentar e continuar tocando nos xirês. A percussão é sua vida, seus caminhos.



FEIRA DE SANTANA

Victória Marques Conceição

Natural de Cruz das Almas, 23 anos, Victória Marques Conceição é estudante de música na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atua como pesquisadora de iniciação científica, professora de violão, violonista e percussionista. Atualmente reside em Feira de Santana, se considera violonista, meio pandeirista e aspirante a percussionista.

Vitória morou em Cruz das Almas até os seus 21 anos e assim que concluiu o ensino médio iniciou o curso de História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Antes da UFRB, ela já trabalhava com música, tocava em barzinhos, eventos escolares e quando entrou no curso História já tinha em mente trabalhar sobre a história da música em seu Trabalho de Conclusão de Curso(TCC). Contudo, em 2019, ela trancou o curso e migrou para outro curso por perceber que o que ela realmente queria era fazer música.



Vitória revela que ao entrar no curso de música na UEFS encontrou os diversos horizontes da música, o que transformou sua forma de pensar, pela atuação na área da pesquisa, se aproximou dos vários tipos de instrumentos musicais proporcionados pela universidade. Atualmente, participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no qual desenvolve pesquisa sobre “Os mestres sanfoneiros e forrozeiro do portal do Sertão e do Recôncavo” e também do grupo chamado Diáspora, um grupo que pesquisa sobre práticas musicais afro-diaspóricas dentro do contexto da educação musical.

Seu interesse pelo mundo musical surgiu através de seu pai, que logo comprou um violão para ela e também seu irmão que tocava teclado e assim ela também aprendeu teclado. Já seu interesse percussivo surgiu quando ela entrou na UEFS, onde fez o curso “iniciação a percussão”.

Antes disso, o único instrumento percussivo que ela sabia tocar era a zabumba, que ela aprendeu vendo outra pessoa tocar enquanto tocava violão na banda Mensageiros do Forró. Quando convidada, atuava em outras bandas. Atualmente, trabalha como freelancer com a zambumba.

Os instrumentos percussivos que mais gosta de tocar é zabumba e triangulo, pois ela gosta muito de forró e de samba. Na zabumba se sente muito livre, alegre e transmitindo alegria a outras pessoas. Já o pandeiro, instrumento que faz mentoria com Tamires Teles, está se aperfeiçoando cada vez mais e também o sentimento de se sentir viva, como se o instrumento fizesse parte dela.

Vitória toca percussão há uns 5 anos, começou com a zabumba em 2017. Ela aprendeu a tocar em muitos momentos sem recursos para investir na compra de instrumentos, no qual ela pegava emprestado de amigos e agora com a faculdade, seu acesso é mais facilitado. Já o pandeiro, mesmo com certa dificuldade, ela conseguiu comprar e hoje já se tornou um instrumento de trabalho.

Ela revela que já sofreu preconceito, pela questão do machismo que leva as pessoas a acreditarem que tocar instrumentos percussivos é coisa para homens. Também em situações em que é questionada se é lésbica, por conta dos estereótipos que se criam.

A percussão é importante em sua vida profissional, principalmente por conta do princípio rítmico, pois os instrumentos de percussão vão fazer o caminho para todos os outros instrumentos.

Contribui para transformar a sua forma de ministrar aula de violão e fazer pesquisas. Ela trouxe a importância da percussão para a formação de estudantes de música, que acaba sendo reduzida apenas aula sobre a “percussão”, sem aprofundamento sobre os instrumentos. O que reflete mais a frente, por exemplo nos estágios, quando haverá pouco preparo com a percussão, que acaba sendo o instrumento mais fácil de transportar e ser manuseado por várias pessoas. Vitória destaca a percussão como forma de transformar a autoestima das pessoas que tocam.

Em seus estudos, Victória ambiciona aprender a tocar novos instrumentos, e a curto prazo quer aprender a tocar bateria e conga. Ela deseja ver a mais respeito e valorização devida ao ensino e acesso à percussão. Victória argumenta que esse desprestígio faz um percussionista ganhar menos que os demais integrantes da banda, mesmo considerando que por vezes o instrumento percussivo é mais caro, há uma dificuldade logística para o deslocamento, a exemplo de um baterista. No caso do ensino nas escolas, é difícil inserir a percussão por falta de investimentos ou preconceitos, mas ela ressalta que a percussão é importante para a coordenação motora. E também sonha em apresentar a história desses instrumentos. Apesar de atualmente está desligada, o grupo que ela tem mais atuação é o “Eu sou o samba”, com quem, de fato, começou a tocar e que permaneceu por mais tempo iniciou tocando atabaque e depois passou para o pandeiro.

Esse foi o grupo que abriu caminhos para ela pensar em possibilidades de outros grupos e outras atmosferas da música.

A importância que a percussão tem em sua vida pessoal, tem muito a ver com ela se ver como um exemplo para as outras pessoas, principalmente para as pessoas mais novas, em especial seus sobrinhos. Pela questão da inspiração, por perceber que outras pessoas próximas começaram a ter interesse em tocar. E mais ainda por perceber que ela está no caminho certo e como é fascinante tocar os instrumentos percussivos.

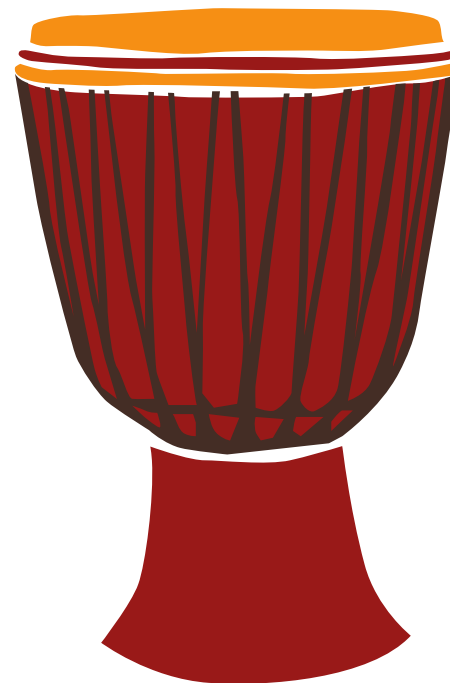


ITAPARICA

Bárbara Roque

Bárbara Maria Roque, 49 anos é a Iyalorixá do terreiro Yle Axé Babá Omim Guian, localizado na Ilha de Itaparica. Mãe de 9 filhos e funcionária pública.

Iyá Bárbara conta que o interesse pela percussão surgiu ao observar seus irmãos tocando e logo resolveu praticar também. Quase toda a sua família é percussionista e o seu principal instrumento é o Agogô. Seu sonho é abrir uma associação e introduzir o toque como parte das atividades. A percussão na sua vida representa amor.



MARAGOSIPE



Girlene Souza

Girlene Souza, ou como também é conhecida “Makota Kassarang”, é uma mulher negra, Lgbtqia+, candomblecista, oriunda do terreiro Banda’lecongô. Sua história com a percussão começa aos 6 anos de idade ao frequentar o candomblé. Ainda nova percorre alguns terreiros da religião, sempre buscando aprender os toques dos atabaques, aperfeiçoando o ensinamento ancestral que lhe foi passado.

Os xirês foram seus palcos e os atabaques são os seus instrumentos. A percussão é a realização do seu ego e menciona que percebe o preconceito pelo fato de ser uma mulher percussionista no terreiro. Seu maior sonho é ser reconhecida em todo o território nacional como uma grande percussionista.

A religião, a percussão são elos inseparáveis na vida de Makota Kassarang. Poder tocar aos seus orixás, a sua ancestralidade é gratificante para ela.

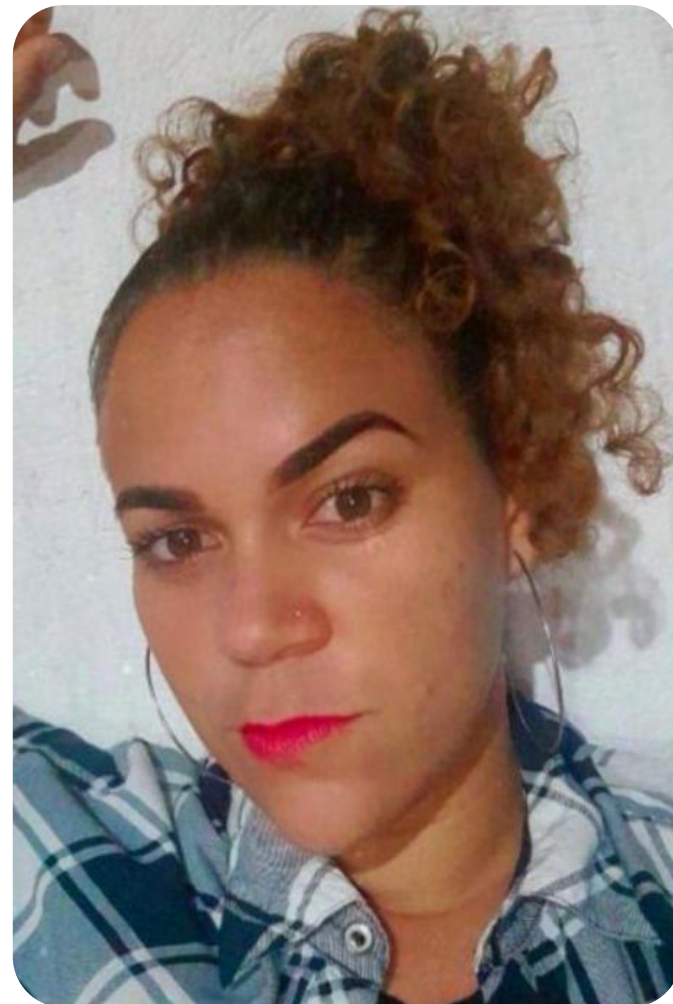


SÃO FELIPE

Lucimaura Vieira da Silva

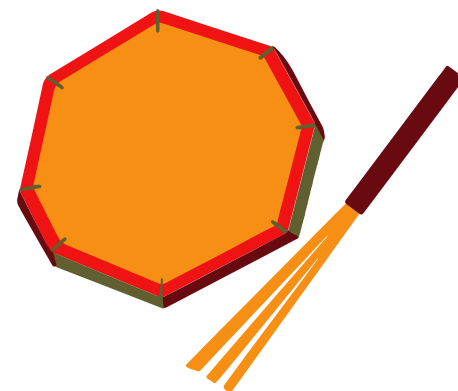
Natural de Salvador, 29 anos, Lucimaura Vieira da Silva atualmente mora em São Felipe. Conhecida como Monitora Estrela, ela pratica a arte da capoeira há mais ou menos 20 anos. Atualmente, tem um projeto de capoeira dentro de um Ilê Axé, intitulado Ginga Ilê, em parceria com o grupo Gamelo Capoeira.

Seu interesse pela percussão se deu através de sua irmã que já praticava capoeira e aos 8 anos ela ingressou. Sua irmã e seus três primos tocam o básico da percussão, através da capoeira. Como na capoeira existia parte da musicalidade e ela sempre foi apaixonada por música, Lucimaura revela que a primeira vez que viu uma roda de capoeira e ouviu os instrumentos se apaixonou, então logo que ingressou na capoeira ela se interessou pela parte percussiva e foi se dedicando a aprender os instrumentos.



O instrumento percussivo predileto é o atabaque, mas também gosta muito do pandeiro. Ao tocar os instrumentos ela se sente muito bem. Em sua trajetória percussiva, nunca obteve apoio financeiro para participar de cursos e nem para comprar seus instrumentos. Sempre tocou na capoeira, apesar de ter muita vontade em aprender mais e adquirir instrumentos. Todo conhecimento que adquiriu ao longo dos anos foi porque persistiu no seu aprendizado e pesquisando na internet.

Lucimaura da Silva relata que enfrentou momentos de preconceito. Na capoeira nem tanto, mas no pouco tempo em que tem frequentado o candomblé ela vê certa resistência dos ogans em ensinar as mulheres interessadas em aprender. A percussão representa uma forma de resistência, expressão cultura e empoderamento, dedicação e amor, com a qual ela deseja aprender cada vez mais para que outras oportunidades de trabalho surjam na área. Lucimaura sonha em participar de aulas particulares de percussão, cursos na área, aprender o maior número possível de instrumentos.



GALERIA DE FOTOS



OFICINAS DE PERCUSSÃO

Iyálorixá Rosimeire de Amorim















OFICINA DE PERCUSSÃO

Samba do Machucador

















QUEM SOMOS



Orientadora: Prf^a.
Dr^a. Martha Rosa
Figueira Queiroz



Professora Adjunta do Colegiado de História da Universidade Federal do Recôncavo d Bahia. Professora do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas/UFRB na linha de pesquisa 1: Ensino de História, Educação Inter-Étnica e Movimentos Sociais. Líder do ÀROYÉ. Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educação para as Relações Étnico-raciais, Educação Patrimonial e Ensino de História. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Ensino de História, Estágio Supervisionado em História, Educação e Relações Raciais, Políticas Culturais, Educação Patrimonial e Movimentos Negros. Coordenadora do site negritos.com.br e da Yakurinxirê. Escola de Formação Percussiva de/para Mulheres. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8838129095122068>





*Bolsista:
Camila Sena da
Luz*



Graduanda em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) desde 2017. Bolsista do Projeto Xirê de Mulheres. o que você toca?, 2021-2022.; FAPESB do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC) 2020-2021; e CAPES através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), 2018-2020. Interessada em História da Escravidão, Diáspora negra, História da Literatura e História da América. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6273929082169626>

*Bolsista:
Gracielle
Oliveira de Jesus*



Graduanda em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) desde 2017. Bolsista do Projeto Xirê de Mulheres. o que você toca?, 2021-2022.; CAPES através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), 2018-2020. Interessada em História da Educação, Metodologia do Ensino de História, História do Brasil Colônia e História dos povos indígenas. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/3075162323429816>



COLABORADORA E FOTÓGRAFA



*Ellen Katarine
da Silva
Oliveira*

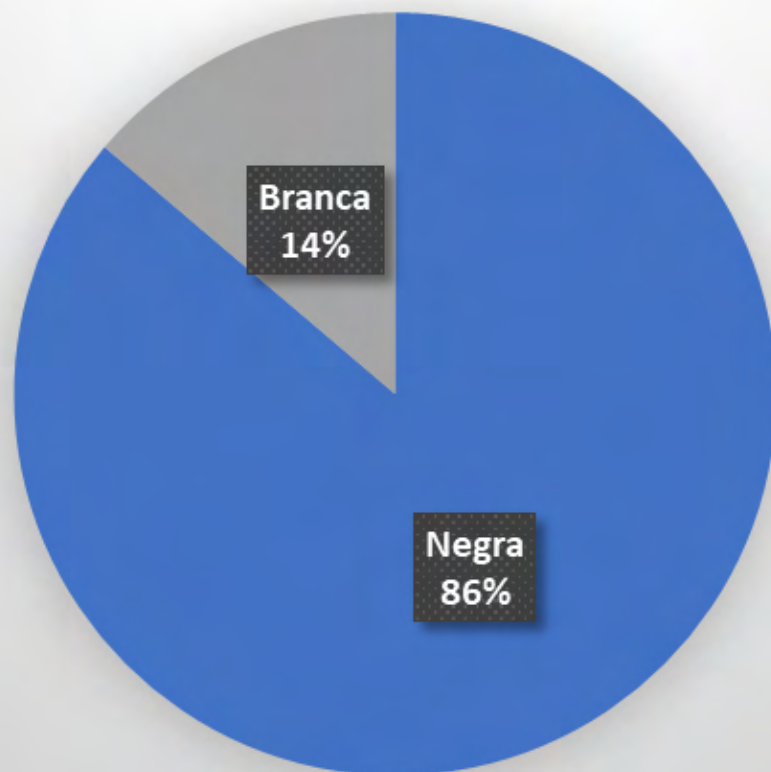
Ellen Katarine é natural de Valente, na Bahia. Atualmente reside em Cachocira-BA, na região do Recôncavo. Historiadora em formação e fotógrafa, pesquisa fotografias de mulheres negras no século XX e XXI, especialmente as produzidas por famílias e terreiros de Candomblé. Fellow do projeto Atlantic Archive, fotógrafa do Projeto Re_modelar, diretora de fotografia, fotógrafa e montadora da Odé produções. Registra o cotidiano, cria e dirige ensaios artísticos que demarcam a ancestralidade e representatividade, trazendo também afeto, resistência, vivências, elevando a beleza e indo contra estereótipos e preconceitos que foram colocados em nossos corpos pretos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0643133415472052>

GRÁFICOS



Das vinte e oito percursionistas mapeadas no território do recôncavo, 86% se identificaram como negras e 14% se identificaram como brancas.

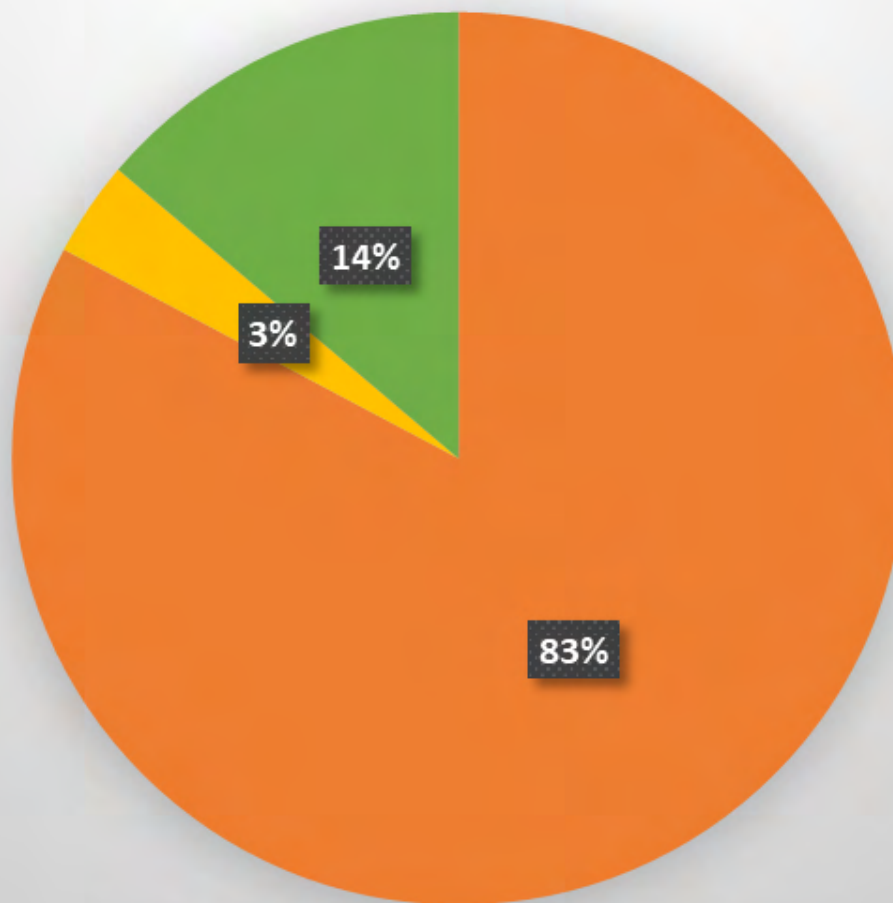
Raça



■ Negra ■ Branca

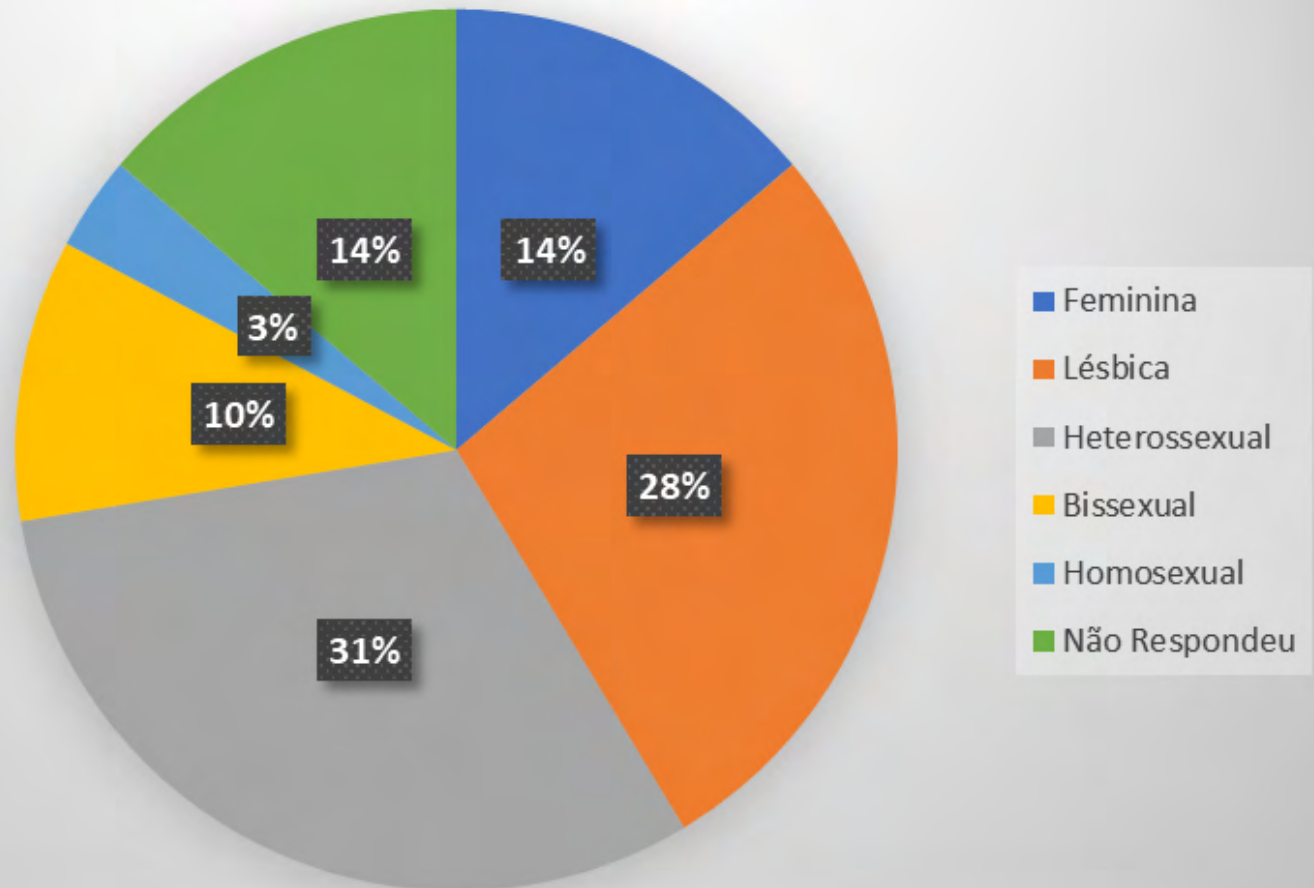
A maioria das percussionistas se declararam mulheres cis (83%), 14% não responderam e 3%, equivalente a 1 mulher, informou ser transexual.

Gênero



■ Cis ■ Trans ■ Não Respondeu

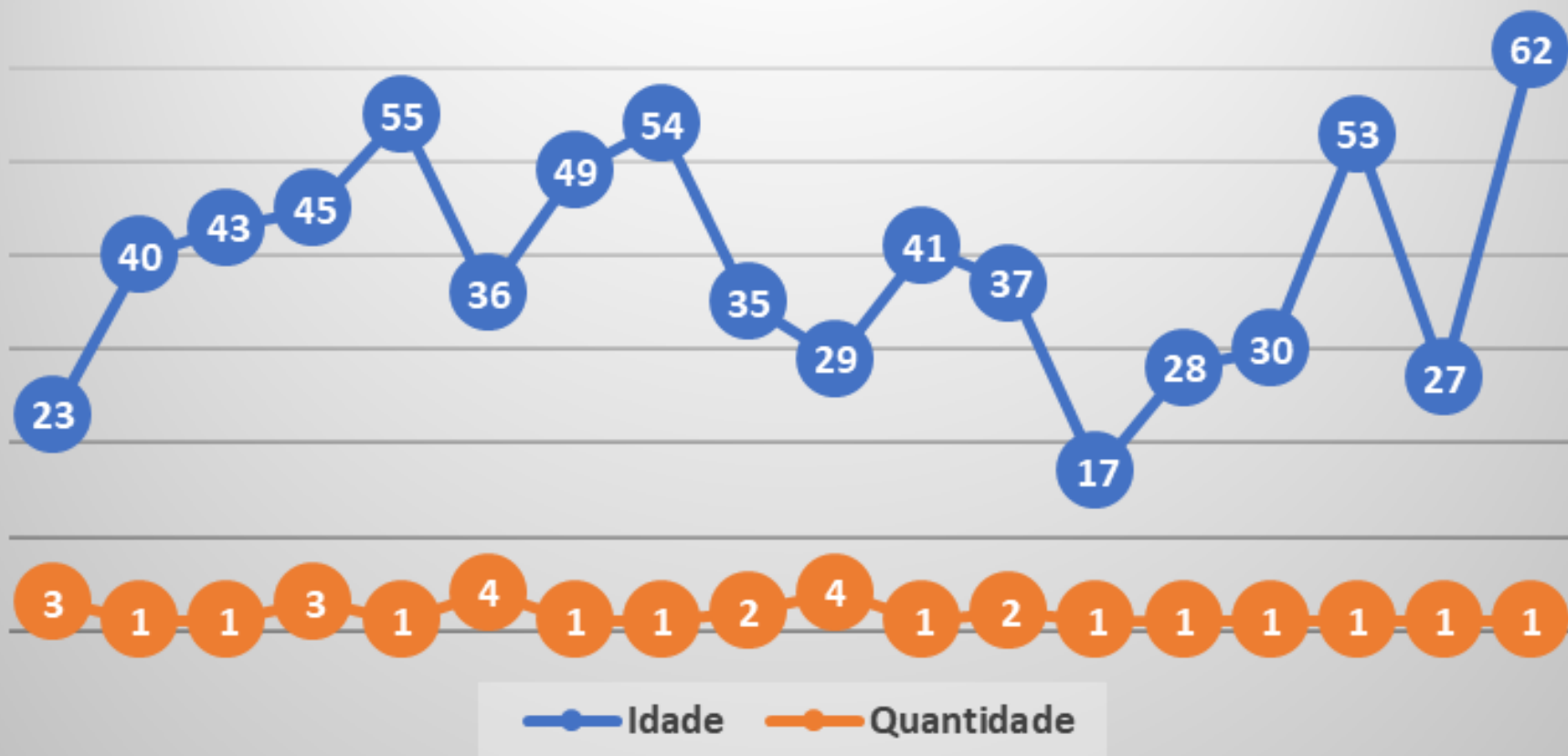
Orientação Sexual



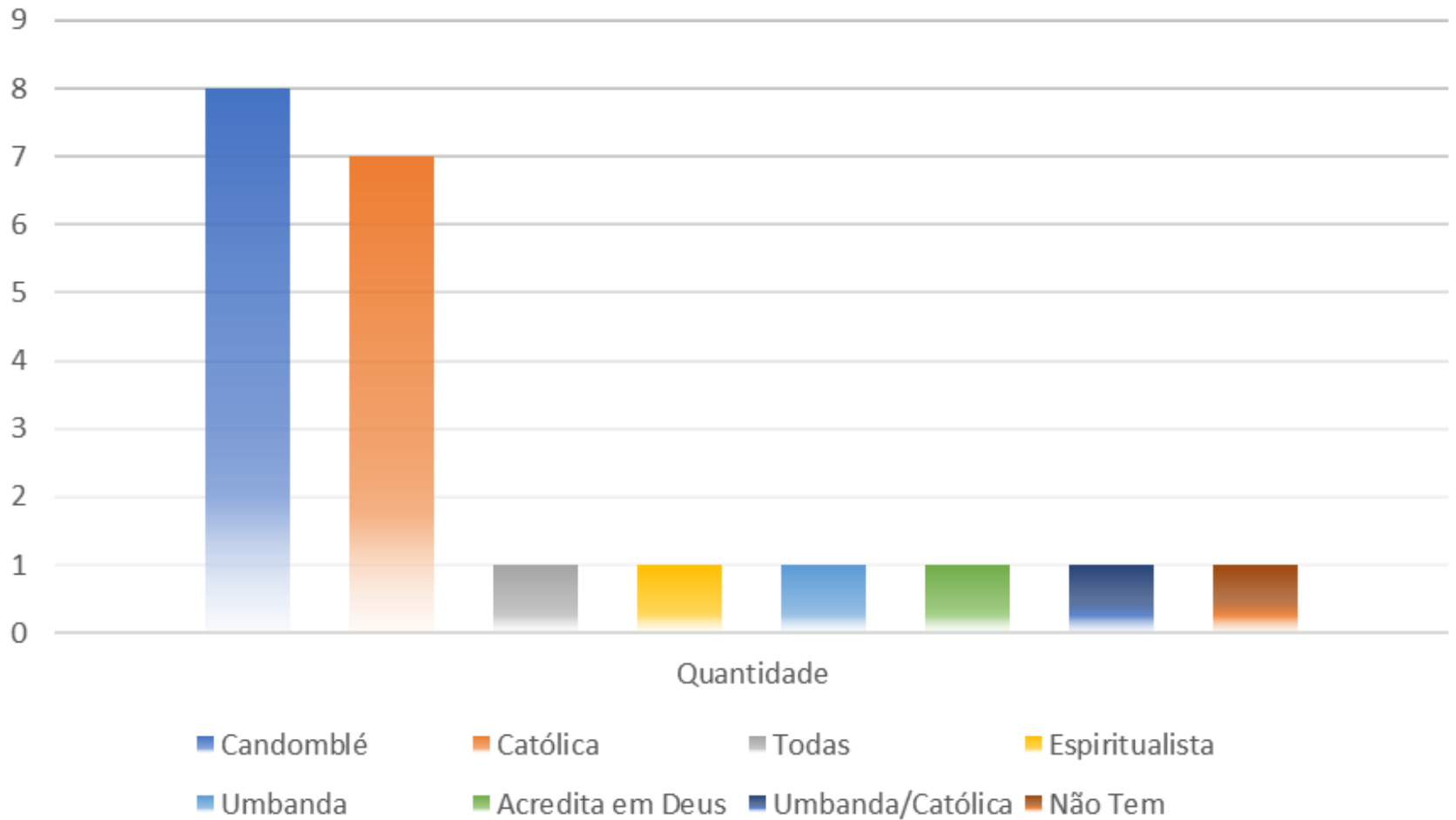
As percussionistas identificaram suas orientações sexuais de diversas formas: 14% como Femininas; 28% Lésbicas; 31% Heterossexuais; 10% Bissexuais; 3% Homossexuais e 14% não responderam.

As idades variam de 17 a 62 anos, estando a maioria na faixa dos 20,30 e 40 anos.

Média das Idades



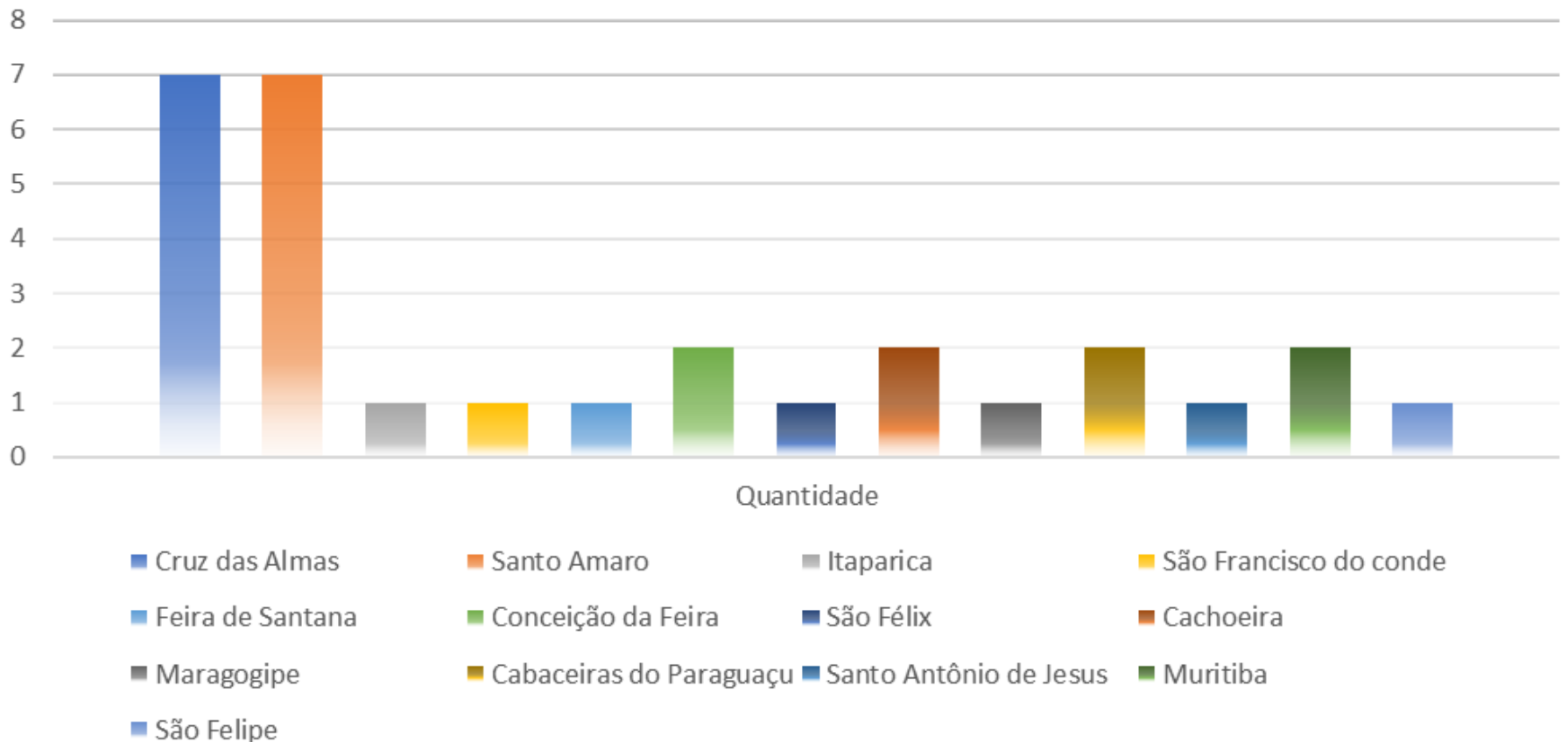
RELIGIÃO



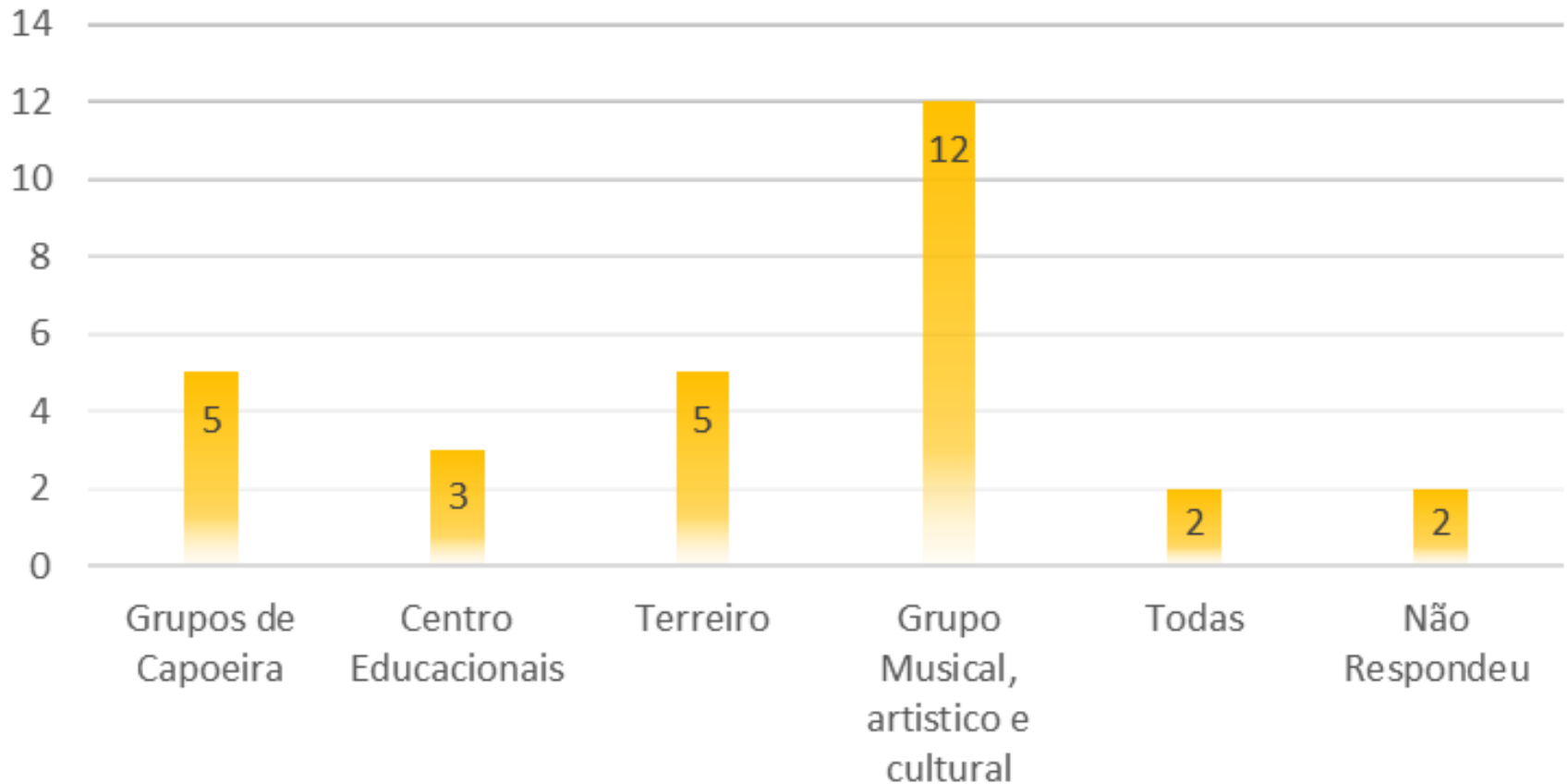
Das 28 percussionistas: 10 se identificaram abertamente pertencentes a religiões de matriz africana, sendo 8 candomblecistas; 7 se declararam católicas e as demais pertencentes a outras ordens religiosas.

O mapeamento das percussionistas foram realizadas em 13 cidades, sabendo que **Cruz das Almas** e **Santo Amaro** são as que possuem o maior número de percussionistas.

TERRITÓRIOS DO RECÔNCAVO



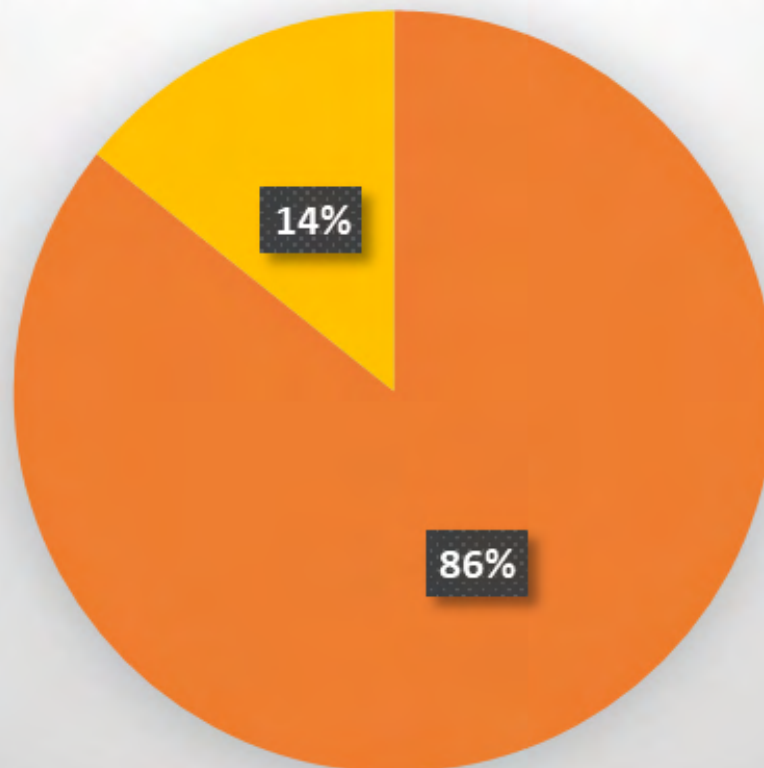
INSTITUIÇÃO



Das 28 percussionistas: 12 são pertencentes a grupos musicais, artísticos e culturais. Porém quase todas as percussionistas são pertencentes a grupos de capoeiras ou a comunidades religiosas. Logo, apenas 2 não pertencem a nenhum grupo religioso, artístico, educacional, etc.

Vinte e quatro percussionistas aceitaram participar das entrevistas realizadas nos modelos online: via plataformas Meet, WhatsApp ou por telefonema. Apenas 4 percussionistas recusaram ou desistiram das entrevistas.

Entrevistas realizadas



■ Participou da entrevista

■ Não Participou /desistiu

GLOSSÁRIO YORUBÁ

Yakurinxirê: Yakurin significa "Mulheres que tocam" e Xirê, "festa".

Atégún: Significa "vento, brisa".



Orientação/Coordenação do Projeto:

Prof^a Dr^a. Martha Rosa Figueira Queiroz

Bolsistas: Camila Sena da Luz e Gracille Oliveira
de Jesus

Colaboradora: Ellen Katarine da Silva Oliveira

Organização do Catálogo: Martha Rosa F. Queiroz ; Camila
Sena da Luz; Gracielle Oliveira de Jesus

Produção textual: Martha Rosa F. Queiroz ; Camila Sena da Luz; Gracielle
Oliveira de Jesus

Revisão Textual: Martha Rosa F. Queiroz

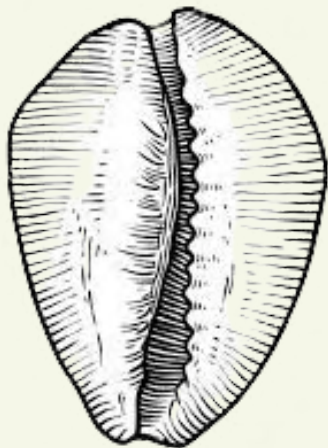
Projeto gráfico e diagramação: Camila Sena da Luz; Gracielle Oliveira de
Jesus

Fotografias: Ellen Katarine da Silva Oliveira

Realização: Yakurinxirê. Escola de Formação
Percussiva de/para Mulheres

Ficha Técnica





Este Catálogo é fruto do Projeto Xirê de Mulheres. o que você toca?,
contemplado pelo Edital Nº 08/2021 de Arte e Cultura. Apoio à Adaptação
dos Programas e Projetos de Extensão de Arte e Cultura da UFRB ao
Ambiente Virtual.





